**LIVRO****AS PROFUNDEZAS
ESPIRALADAS DA ARTISTA
CASTIEL VITORINO BRASILEIRO****ALESSANDRA SIMÕES PAIVA
ABCA/SALVADOR**

RESUMO: O novo livro da artista Castiel Vitorino Brasileiro, intitulado *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* (n-1 edições/Hedra, 2022), apresenta uma contundente análise “teórico-poética” sobre questões que orbitam em torno do tema da colonialidade e da temática “Tornar-Negro”, subsidiadas por diversas referências teóricas, como as obras de Neusa Santos Souza e da artista Jota Mombaça. Em seu site, a artista afirma o seguinte: “Se eu pudesse dizer algo sobre este livro, seria: obrigada, sejam livres. Pois eu não escrevo cartas de alforria, porque já somos livres.” Castiel ainda sentencia: “E enquanto a raça negra for o princípio de nossas vidas, permaneceremos na podridão, no esquecimento.” É com provocações como essas que Castiel tece seu complexo pensamento ao longo do livro, marcado por uma linguagem consistente, entrecortada por preciosos lampejos conceituais e belos insights líricos.

PALAVRAS-CHAVE: arte contemporânea, filosofia da arte, teoria da arte

ABSTRACT: The new book by the artist Castiel Vitorino Brasileiro, titled *“Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude”/“When the Sun Here No Longer Shines: The Bankruptcy of Blackness”* (n-1 editions/Hedra, 2022), offers a compelling blend of theoretical and poetic analysis that delves into the multifaceted issues surrounding coloniality and the concept of “Tornar-Negro” (Become Black). Drawing inspiration from esteemed authors such as Neusa Santos Souza and artist Jota Mombaça, Castiel presents a thought-provoking exploration that pushes the boundaries of conventional discourse. Castiel says your book encourages freedom in her personal statement on the artist’s website. Throughout the book, Castiel artfully weaves together intricate thoughts, employing a consistent language that seamlessly intertwines precious conceptual flashes with captivating lyrical insights. By skillfully blending theory and poetry, the author invites readers on a profound intellectual journey that challenges existing paradigms and sparks contemplation of our collective societal fabric.

KEYWORDS: contemporary art, philosophy of art, theory of art

“Religiões são barcos,
e a espiritualidade é o mar”
(Castiel Vitorino Brasileiro)

O que enguias, travestis e flores meliaceae têm em comum? É por meio de espiralados pensamentos como este que o novo livro da artista Castiel Vitorino Brasileiro se desenvolve. Intitulado *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* (n-1 edições/Hedra, 2022), o livro tece uma complexa e profunda análise sobre diversas questões que orbitam em torno do tema da colonialidade vigente no Brasil e da temática “Tornar-Negro”, subsidiadas por diversas referências teóricas, como as obras de Neusa Santos Souza e da artista Jota Mombaça.

Segundo o site da editora, o livro apresenta a negritude num outro contexto histórico identitário, demonstrando os limites de suas políticas de orgulho racial. Uma vez que circunscreve-se na resignificação de mitologias modernas, ao invés de ultrapassar tais prerrogativas coloniais, a negritude acaba

naturalizando a categoria negro como único princípio a ser alimentado e defendido. Neste contexto, o livro pergunta: Porque ainda nos chamamos de commodity escravocrata/negros?

O livro é complexo, merece ser relido inúmeras vezes, especialmente, pelas pessoas que ainda estão em seu processo inicial de letramento racial. Castiel alça vãos imaginativos profundos, como é sua própria obra poética, banhada em sistemas operativos e métodos legítimos da arte contemporânea, embalados por sua ancestralidade de ordem curativa. Faz uma crítica ao sistema identitário, e vai fundo no pensamento filosófico e imaginação psicanalítica para conseguir realmente unir enguias, travestis e flores meliaceae. Isto porque a artista desvela um articulado pensamento e crítica ferinos sobre a complexa situação que o mundo atravessa na reviravolta decolonial, inclusive, no campo das artes, porém sem deixar de lado o pensamento poético, com uma linguagem belamente lírica.

Já no início, a artista declara: os

povos branco-europeus são delirantes. Afinal, “[...] a colonialidade instaura uma realidade na qual as relações das pessoas retintas com o sangue são desenvolvidas a partir da violência racial.” (p. 17) Castiel diz que no contexto de “plantation brasileira”, o sadismo da aniquilação perpetuado sobre as pessoas negras e indígenas orienta até mesmo a agenda nacional de arte (visual, performance, teatral e cinematográfica), “[...] que passa a defender, comissionar e alimentar a reencenação da dor racial como uma prática revolucionária, antirracista e até mesmo decolonial; uma série de artimanhas com a linguagem portuguesa, a fim de garantir à branquitude seu lugar de supremacia. Trata-se de uma camada deste racismo contemporâneo desenvolvido com capitalismo neoliberal e que marca um novo momento de compra e venda da vida negra.” (ps. 17-18)

A artista cita uma frase do Baco Exu do Blues; “Meus ancestrais todos foram vendidos/Deve ser por isso que meu som vende”. E completa: “Deve ser por isso que este texto vende. Ou que, do ponto de vista de certas

instituições, a explosão de arte e pensamento negros e anticoloniais, que parecem definir hoje os rumos dos sistemas de arte e produção de conhecimento em escala global, seja referida como uma moda, uma tendência de mercado. Uma vez que a commodificação dessas perspectivas - nossas perspectivas - depende diretamente de uma certa continuidade entre nossa produção artística e a nossa posição sócio-histórica, talvez faça sentido afirmar que a venda de nossos sons, textos, idéias e imagens reencena, como tendência histórica, os regimes de aquisição dos corpos negros que fundaram a situação-problema da negritude no marco do mundo como conhecemos.” (p. 18)

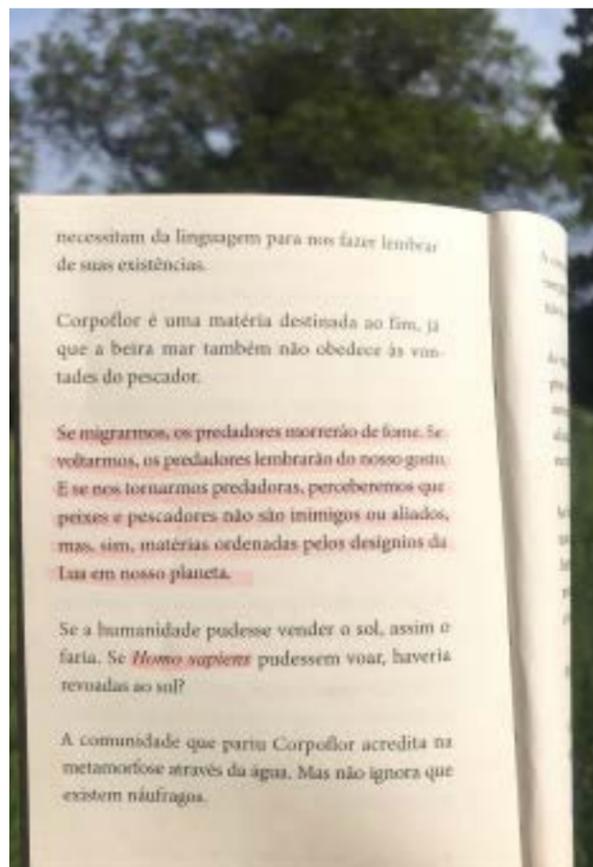
A crítica de Castiel ao sistema da arte é bem precisa: “Indo direto ao ponto: o que faço é uma disputa imagética e narrativo-intelectual sobre a intimidade de que pessoas negras desenvolvem com vidas que não as brancas/humanas. Se, como bem descrito por Mombaça, os sistemas de arte vão fetichizar, especular, vender, comprar e reescrever tais relações interespecíficas a partir de sadismos e fetiches religiosos, em uma outra zona e direção, meu trabalho é descrever a intimidade interespecífica como uma prática crucial para vivermos momentos perecíveis de liberdade em nossos cotidianos na plantation.” (p. 19) A artista explica que elabora tais críticas através do conceito de “Estéticas Macumbeiras”. Exemplifica este modo de operar por meio de outros artistas, como a performance *Lazos de sangue* (2010), concebida numa beira de mar em Havana, na qual o artista Carlos Martiel utiliza dois cateteres para perfurar seus antebraços, de modo que seu sangue flua livremente para fora de seu corpo e encontre com o mar,



Castiel Vitorino Brasileiro, artista e escritora
Foto: Rodrigo Jesus

formando uma grande poça vermelha em meio ao azul e branco das águas salgadas. Ou ainda Musa Michelle Mattiuzzi que, em 2016, perfura todo seu corpo, inclusive o rosto, na obra Experimentando o vermelho em dilúvio. “Em cima de um tronco de árvore, Musa Michelle permanece nua com o corpo repleto de pequenas cascatas de sangue, num estado de suspensão, concentração, repetição, coragem, firmeza, dor, sabedoria, gozo, prazer, saúde e cura.” (p. 19)

Castiel inova significativamente quando fala de sua perspectiva sobre todo este contexto: “[...] opto por perceber as relações interespecíficas desenvolvidas por esses artistas numa perspectiva que não a da psiquiatria e criminalização, ou de programas filosóficos como psicanálises e teorias estruturalistas, muito menos utilizo as categorias estético-raciais ‘brasilidade’, ‘arte afro-brasileira’, ou ‘arte-negra’. Prefiro demonstrar tais artistas abandonando os problemas da plantation, na medida em que se conectam às matérias terráqueas



Trechos do livro *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* de Castiel Vitorino Brasileiro. Fonte: https://castielvitorinobrasileiro.com/Text_quandoosolaquinaomaisbrilhar

sem a mediação das linguagens, da racialização ou das identidades gênero- sexuais modernas. Perfuram o corpo e assim criam uma profunda intimidade com o Reino Mineral, que ali se materializa em Forma de agulha. Nestas obras, a história da nossa matéria retinta é recontada sob os aspectos do Reino Mineral, ou seja, um metal perfura aqueles corpos e reencontra-se.” (p. 20)

Para a autora, estas são obras que demonstram aspectos de uma “ancestralidade interespecífica”, banhada pela substância crucial da existência negra, o sangue. “Estou lançando minha flecha no universo, no sistema solar, nas plantas, nos minerais e nas africanas civilizações Bantu, para assim conseguir não comprovar, mas rasgar de uma vez por todas o orgulho racial negro como o destino verdadeiro e irrevogável em nossas vidas escuras. Neste convite, não estou recorrendo a dogmas religiosos umbandistas, candomblecistas, juremeiros. Religiões são barcos, e a espiritualidade é o mar. Então o meu convite é aquele que anuncia o fim da supremacia das

linguagens alfabéticas em nossas comunicações, a fim de atentarmos para aquilo que acontece durante interações interespecíficas. Ou seja, a construção de uma intimidade com as plantas não se restringe e não depende de um pertencimento a religiões, porque minerais e vegetais não são propriedades, mas a característica irreduzível deste planeta. Em nenhum momento desconsidero a importância das religiões afro-brasileiras. O que executo é um desfazer o nó que se criou entre intimidade interespecífica e religião [...]” (p. 21)

Há um dilema da separabilidade no pensamento humano que, segundo Castiel, divide sexo e raça, e que destrói “[...] o mais belo neste planeta: a assimetria, a impossibilidade de massificação da variabilidade das formas [...]” (p. 34). Esta não-linearidade estaria impregnada na vida das plantas, que teriam outras inteligências bióticas responsáveis por suas interligações. “Ao nos apresentar o fim da primazia da hereditariedade como passamos a entendê-la (desarticulada da ideia de pai, mãe, filhos, avós e tias), as

plantas comunicam às pessoas ditas negras a seguinte mensagem: a raça é uma mentira que nos distrai do caminho da liberdade, na medida em que a racialização negra limita a bioquímica dessas pessoas ao limite da ancestralidade humana; ainda que a categoria de humano nunca venha a corresponder às vidas racializadas.” (p. 35) Na hermenêutica praticada por Castiel, entra em cena também a figura ancestral da benzedeira: “[...] a perpetuação de sua presença neste planeta, torna-se uma questão mais complexa do que as soluções previstas pela agenda de restituições organizada pelos conflitos identitários. Pois a vida de uma benzedeira negra ultrapassa os dilemas do racismo misógino e da perseguição religiosa, localizando-se num nível ecocelular interespecífico, o qual, por sua vez, não está resguardado dos sistemas de linguagem das civilizações, sejam elas quais forem.” (p. 35). A artista completa: “Tornar-se benzedeira não corresponde ao tornar-se negra, pois trata-se de ontologias diferentes que se encontram em disputa, pelo fato de que o exercício do benzimento é uma

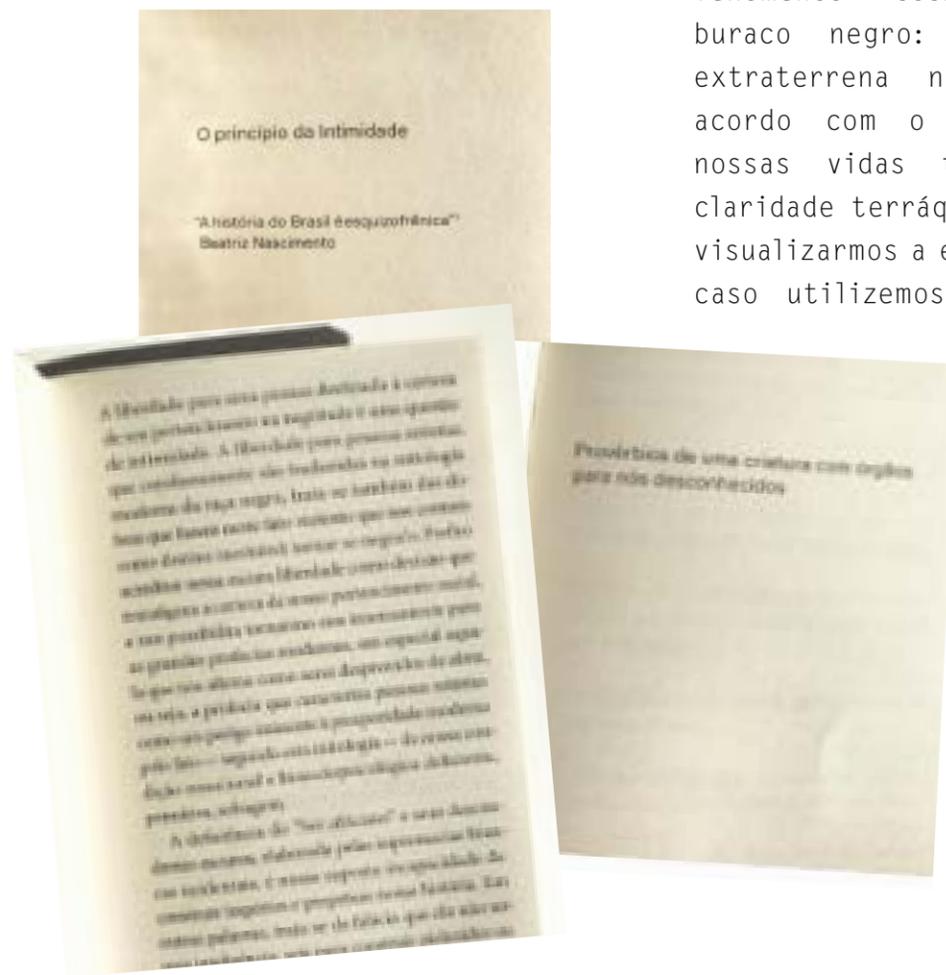
prática de cultuar metamorfoses, e a racialização é a atividade de cultuar o esquecimento da transfiguração”. (p. 36)

O livro também apresenta passagens interessantes quando a autora analisa a categoria da escuridão. “A colonialidade caracteriza-se pelo controle da escuridão, assim ela evolui e é assim que a supremacia branca elabora o programa de perpetuação de sua presença em escala sideral: tentando controlar a negridão dos mares, as pessoas de pele escura e suas civilizações, e a negridão do espaço extraterreno. O negrume, o preto, o escuro ou uma noite sem lua, são os principais pesadelos dos Seres modernos, porque são as matérias, as vidas, os lugares e as situações que denunciam a prevalência da relatividade, do acaso e da efemeridade, princípios combatidos com a elaboração das ditas ciências humanas ou faculdade que delas se aproximam, em especial a antropologia, a psicanálise e as psicologias. O Ser moderno sabe que não conhece tudo, pois reconhece a todo instante sua vulnerabilidade pela via do medo que

tem de desaparecer”. (p. 37) Para Castiel, o modo colonialidade afeta ainda a ideia de intersexualidade, uma vez que “[...] a modernidade elabora a complexidade sob aspectos binários, ainda que as espécies e as culturas demonstrem haver incontáveis modos de ser.” (p. 40)

A autora faz ainda interessantes análises sobre a arte ocidental e sua relação com os apagamentos colonialistas. Elabora, por exemplo, uma crítica da tela Progresso Americano (1872), de John Gast, que anuncia uma racista elaboração religiosa cristã como “[...] justificativa para decisão tomada pelos Estados Unidos de expandir sua presença no planeta a partir da colonização de outras localidades.” (p. 42). Na pintura, a enorme mulher branca, centralizada em uma paisagem dividida entre claridade e escuridão, explora povos indígenas de suas terras, anunciando o novo marco civilizatório do Direito Manifesto. Castiel cita também o exemplo da tradição cinematográfica ocidental do gênero ficção científica que, “[...] desde o início de sua história, apresenta-nos futuros nos quais não

mais existem pessoas escuras.” (p. 43) Apesar da constatação, Castiel afirma não estar reivindicando um enegrecimento destas produções, “[...] neste momento, minha crítica não se perfaz uma cobrança de nosso lugar em histórias já prontas.” (p. 43) Afinal, a autora explica que



Trechos do livro *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* de Castiel Vitorino Brasileiro

já existe o importante movimento afrofuturista, “[...] que tem como princípio justamente a elaboração de futuros, ou momentos ainda por vir, em que as presenças escuras existem de modo digno e inteligente.” (p. 43)

A escuridão perpassa o pensamento de Castiel até mesmo por meio de fenômenos cosmológicos, como o buraco negro: “[...] a escuridão extraterrena não se modifica de acordo com o domínio do sol em nossas vidas terráqueas. Digo, a claridade terráquea não impossibilita visualizarmos a escuridão do universo, caso utilizemos um telescópio, por

exemplo.” (p. 43) A autora ainda utiliza a ocorrência da negridão no universo como fundamento para perceber a escuridão fenotípica: “[...] defendo a escuridão como uma zona composta por componentes imensuráveis aos corpos escravizados pela prevalência da luz/iluminismo. Percebo o continente africano a partir da ocorrência dos buracos negros no universo; uma grande zona sideral composta por inúmeras elaborações preciosas sobre transfigurações vitais que podem assegurar a integridade das vidas de pessoas racializadas na mitologia negra. [...] O pensamento linear de ir e voltar ao buraco negro ou à África também não garante o conhecimento total sobre a zona habitada, na medida em que a categoria espaço-tempo é em si uma delimitação cognitiva que nos impossibilita perceber a vida de maneira espiralada que é. Em outras palavras, o conhecimento sobre algo não deveria ser uma prática de controle, traição e roubo, mas uma constatação precíval sobre a forma na qual os mistérios da vida.” (p. 45)

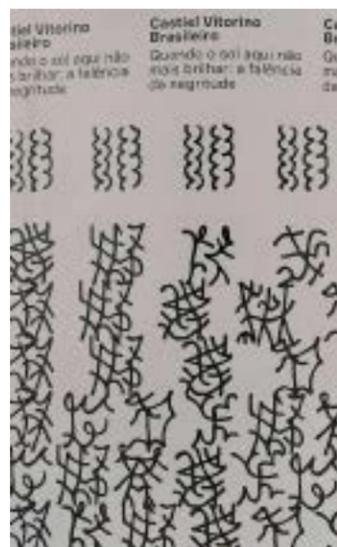
Castiel afirma que existe vida após a morte, porque a morte é um

acontecimento de transfiguração da matéria, e transmutação da memória. “A morte corresponde à inevitabilidade do nosso encontro com a mudança, e não é escrava da maldição moderna do esquecimento. Tenho elaborado uma distinção entre morte e aniquilação, a fim de assegurar à morte seu poder.” (p. 51) Em sentido oposto aos processos de esquecimento, Castiel evoca o termo Kalunga que, de acordo com as tradições da diáspora afro-bantu, é uma palavra/força/zona/princípio com a qual ela se relaciona desde o início de sua vida. No Brasil, “[...] kalunga foi preservada em seu princípio de morte entrelaçado à gestação/ criação.” (p. 56) A artista lança mão de kalunga para desafiar o medo da morte, o medo de transfiguração. “Esse sintoma de medo que anuncia o complexo e profundo processo cotidiano de abandonar a certeza racial, abdicar da história que nos dizem ser a origem de tudo que há. E este é o desafio para as pessoas retintas e demais negras: continuar a reconexão ao negrume destruindo a certeza racial, criar modos de permanecer na dúvida, e

desenvolver lembretes e convites para que suas danças com o acaso, com a imprevisibilidade e com a metamorfose não sejam solitárias.” (p. 60).

O livro apresenta o pensamento filosófico de uma artista que também pratica suas concepções, como ela mesmo cita por meio da obra Corpoflor, na qual propõe uma dança com a inevitabilidade da metamorfose. Um dos aspectos desta obra são as pinturas corporais que Castiel desenvolve em si e nas pessoas que aceitam participar do trabalho, que aceitam se transfigurar e em Corpoflor. “Para Corpoflor, é importante articular estudos de colorimetria à liberdade, justamente pelo fato histórico da mestiçagem no Brasil, que propõe a salvação enquanto mudança de cor daquelas famílias que não são brancas. Mas Corpoflor não é uma resistência à violência, é a modernidade que resiste a ele. Então, quando durante Corpoflor pessoas negras são pintadas de branco, o que há ali é um exercício de liberdade, e não uma representação de histórias já contadas. Pois sim, cada pessoa que se transfigura em Corpoflor vive uma experiência diferente de suspensão

racial, liberdade cognitiva, e amplitude intuitiva, ainda que todas essas camadas existenciais singulares estivessem indissociavelmente conectadas ao cardume no qual tal Corpoflor se torna possível” (ps. 75-76). O livro de Castiel é uma ode aos recônditos poéticos e existenciais promovidos pela mais importante das linguagens interespecíficas, a arte.



*Quando o sol aqui não mais brilhar:
a falência da negritude,*
de Castiel Vitorino Brasileiro

QUEM É CASTIEL VITORINO BRASILEIRO

Nascida em 1996, Castiel é escritora, psicóloga e mestra em Psicologia Clínica PUC-SP. É artista visual com circulação internacional e vencedora de importantes prêmios de Arte no Brasil. Desenvolve seu trabalho em múltiplas linguagens, tendo a fotografia, pintura, instalação e performance como principais suportes. A partir do encruzilhamento que faz entre arte, clínica e os fundamentos de sua ontologia Bantu, Castiel desenvolve pesquisa sobre a racialização negra como um trauma do esquecimento e caracteriza a transmutação/transfiguração como uma experiência cotidiana e inevitável, apesar da nossa colonização em curso. (Fonte da biografia: Site da editora n-1 edições)

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA

Pós-doutoranda na University of Leeds (UK). Docente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Integrante da European Network of Brazilianists Working in Cultural Analysis (REBRAC), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP. É editora de Arte/Diversidade da Revista *Arte&Critica*.